

Café com História organizado pelo assentamento Terra Prometida
Museu Vivo do São Bento / CRPH e SEDAC

Entrevistadora:

Marlúcia Santos de Souza

Entrevistados:

Ana Beatriz de Carvalho(Bia)

Bianca Gomes

Carlos Antônio da Cruz

Carlos Elias Piedade

Cosme Igor e Miranda

Erlei Rodrigues

José Antônio da Silva

Juliana Gomes Moreira

Miriam Firmino de Oliveira

Transcrição:

Júlia Martiniano

[00:00] **Juliana:** E aí o quê que a gente fez? Prioridade é a nossa irrigação. Ter uma bomba, ter a luz pra gente ver uma televisão - quem tem criança, principalmente. E a gente foi fazendo esses acordos coletivos, né? Porque essa é uma das dificuldades. A gente ainda não tem acesso a isso, ao nosso direito de pagar a conta de luz.

[00:25] **Bianca:** Você tá falando sobre desafio, né? Aqui todo dia é um desafio novo, né? Então... Não tem estrada, não tem um posto de saúde - visto que aqui tem muitos idosos e a saúde na localidade é precária. Não sabe lidar com a população rural, não tem água potável... E as águas, quando fazem um poço bocão ou artesiano, tem ferrugem; não tem saneamento básico, né? Visto que também é um contraste, né? Um desafio todo o tempo. Porque também quando enche do rio, vem todo o lixo do rio pra dentro dos nossos lotes. Mesmo que a gente preserve, limpe e esteja no cuidado do manejo do sítio, vem nesse rio a lixarada jogando também pros nossos lotes.

[01:28] **Entrevistadora:** Esse lixo vem praticamente do bairro do Tinguá?

[01:31] **Bianca:** Vem do rio.

[01:37] **Entrevistadora:** Então não tem peixe nesse rio mais?

[01:38] **Todos:** Tem. Tem muito peixe.

[01:40] **Entrevistadora:** Porque aqui ainda tá perto das nascentes, né?

[01:42] **Carlos Elias:** Tem bastante bagre africana.

[01:45] **Entrevistadora:** E vocês ainda pescam aqui?

[01:48] **Carlos Elias:** Eu pesco.

[01:51] **Juliana:** No dia da cheia, da primeira que eu peguei, ficou aquele espelho d'água, o pantanal Fluminense (risos). Na minha casa a gente fez um pouco suspenso assim... No meu projeto de casa né? Que eu ainda não tenho a casa. Aí a gente vendo os peixinhos e patos também que vem do rio. Então ainda tem muita vida. Ainda que seja muito difícil, ainda tem muita vida.

[02:13] **Carlos Elias:** Tem dia que a chuva já passou, há quanto tempo que já parou de chover..., mas você pode entrar que os lotes estão tudo alagado ainda. A maior parte dos lotes tá... O meu tem um hectare só. Um hectare não, meio hectare seco e 4 hectare e pouco tudo encharcado, molhado, que não dá nem pra se andar dentro, porque não secou ainda.

[02:34] **Entrevistadora:** Agora eu vou perguntar aqui. Então além da dificuldade de iluminação, de saúde... E a educação, como é que tá aqui?

[02:46] **Juliana:** Não existe praticamente.

[02:49] **Entrevistadora:** Vocês têm uma escola?

[02:49] **Carlos Elias:** Tem uma escola, mas precária.

[02:51] **Bia:** As crianças estudam nessa escola, na Escola Municipal Sargento João Délio, que é a escola que fica perto, a minha filha estuda e a da Bianca também. E a maioria das crianças estudam. Quando a gente chegou aqui no assentamento, a escola ia só até o quinto ano. Aí a gente fez um processo de mobilização, recolhimento de assinatura de abaixo-assinado pra aumentar o atendimento. E aí foi até o 9º ano, ampliaram uma salinha... Mas só que a pior reclamação é: a escola não tem uma infraestrutura que possa ter sala de leitura, biblioteca... Ou seja, as crianças... O que as crianças têm acesso são às salas de aula e o pátio da escola, que é mínimo. Ou seja, é uma luta nossa incansável pra que a Prefeitura fizesse um processo de ampliação da escola pra ter uma quadra pra que eles possam ter acesso ao lazer. Porque quando faz educação física é em um espaço emprestado, do lado de fora da escola. Qualquer atividade que vai ser feita de complemento na escola tem que ser feita em estruturas que não são da escola. Então, assim, os professores e a equipe pedagógica da escola se esforçam muito pra garantir um atendimento pras nossas crianças. E assim, se esforçam bastante. Porque assim, eu tenho vários exemplos com a minha filha em relação aos professores tentarem adequar. A Sofia, no primeiro ano de escola, eles colocavam dentro da sala de aula um escorrega pras crianças poderem brincar, porque não tinha como colocar no espaço que é o pátio. Porque o pátio, quando as crianças se juntam todas, não dá.

[04:50] **Juliana:** Não cabe.

[04:50] **Bia:** E na varanda que é o refeitório. O refeitório das crianças na verdade é na varanda. Então, assim, a escola tem um processo de organização, de acolhimento das crianças, depois de muita luta conseguiu ter transporte público, mas assim, não é suficiente pra ter um atendimento adequado do ponto de vista de uma escola do campo. Qual é o espaço que as crianças vai ter, no processo pedagógico, da gente incentivar essa identidade camponesa? Essa cultura camponesa nas crianças? Não são todas as crianças que são do assentamento, tem crianças que são do entorno, mas a gente vive em uma área que é potencialmente agrícola. Então, assim... E as crianças sentem vergonha de levar um produto agrícola pra escola. Mas por que que elas têm vergonha

de levar um produto agrícola pra escola? Porque é um processo aonde a agricultura camponesa ainda é vista como atraso. Aonde a agricultura camponesa, a agricultura familiar é vista como algo que não está no anseio da identidade das nossas crianças. Então a escola vem tentando fazer esse contraponto, mas assim, há que ter incentivo! Há que ter estrutura, né? A Secretaria de Educação tem que ter estrutura e infraestrutura pra esse atendimento amplo da escola. E o apoio que é dado às vezes é pelo corpo da escola. O nome da escola é Escola Sargento João Délio, então o exército vem pra poder pintar, pra poder dar um apoio na estrutura da escola. Mas isso é o mínimo. A educação é direito básico, né? É direito que as nossas crianças podem acessar. Então é necessário...

[06:47] **Entrevistadora:** Tem muito pelo que lutar!

[06:48] **Bia:** Tem muito pelo que lutar pra que a escola de fato venha a ter esse atendimento, né?

[06:53] **Juliana:** É fundamental, né? Os jovens, né?

[06:56] **Entrevistadora:** Agora, aqui no caso, pra ensino médio, aí que piorou né?

[06:59] **Bia:** Ensino médio só indo pra Tinguá, Lote XV, Caxias...

[07:07] **Entrevistadora:** É... Vocês falaram uma vez que aqui não tem iluminação. Então andar à noite como é que é pra vocês?

[07:13] **Carlos Elias:** Lanterninha. Muitas pessoas tem aquela de testa ou então a manual mesmo, de mão. Ela veio com uma.

[07:41] **Entrevistadora:** É... Vocês fazem parte de rede ecológica, de rede de alimentos orgânicos. Como é que é isso?

[07:51] **Juliana:** Assim, a nossa comercialização aqui felizmente por tá até perto do Rio, região metropolitana, a gente tem... A produção não encalha não. Tem dificuldade de trazer; na estrada perde; fica banana e limão no meio do caminho... A gente vem a pé, às vezes, aí recolhe, já come lá, (risos) perde um bocadinho... Mas com a cooperativa também, que foi uma conquista, e agora num coletivo de comercialização mais autônomo, aí a gente consegue escoar. E aí tem uma relação com a rede ecológica que já vai para oito anos, né? Uma rede de consumidores que é do Rio e também tem núcleos em São João de Meriti, Caxias, Nova Iguaçu... Tem as nossas feiras, as feiras do Movimento Sem Terra. Então quanto a isso...

[08:56] **Bia:** Essa trajetória de comercialização inicia antes de ter a cooperativa né? A rede ecológica é uma parceira que muito nos ensina assim, nos educa. Eu tenho o costume de dizer isso. Do processo da gente melhorar o processo organizativo, a agregação de valor dos produtos. E é uma longa parceria, né? Que ela pegou o início da gestação da comercialização aqui do Terra Prometida. Foi feita a proposta, vieram, conversaram com mais pessoas - até pra além do movimento - pra poder... Porque sabiam da importância... O quê que é potencializar a agricultura familiar, a produção agroecológica e essa coisa de vir até os lotes ver como que a gente tá produzindo, o cuidado que a gente tá tendo de não colocar veneno na terra e nos produtos. Então, é uma relação de parceria né? Que é histórica. E aí desdobrou em vários processos de comercialização com as feiras: a

Feira Estadual da Reforma Agrária, as feiras locais do município de Nova Iguaçu e Duque de Caxias... E hoje a gente tá ampliando um pouco esse núcleo de comercialização porque tem os pais, que só nessa rua 28 de Novembro, só pra lembrar, são nove pais. Que é parceria. Que a Prefeitura de Duque de Caxias deveria fortalecer de que essa fosse a primeira rua a ser feita, porque é o nosso principal problema de acesso com a produção. Porque é onde sai muita produção e é onde a gente tem a pior estrada. E quando a gente fala a pior estrada é que às vezes não consegue passar nem com carroça. Ou seja, carro não entra. É a pé, no muque. Ou, quando vem carroça, tem que lutar pra poder passar...

[11:05] **Entrevistadora:** Por isso tem que ter as botas né?

[11:08] **Bia:** É. Essa rua começa aqui. O acesso dela começa aqui na 28 de novembro e segue até o Arco Metropolitano. Mas ela não tem acesso.

[11:15] **Carlos Elias:** Nós agora entramos no projeto do PAS. Nós agora, todos nós que tamos no projeto, nós tamos em processo do selo certificado de orgânico. Sendo que como que vai escoar as mercadorias orgânicas? Igual lá na Bianca, na Juliana, no seu Ismael, no seu Lourival... que não tem acesso pra poder o carro ir buscar as mercadorias?

[11:44] **Entrevistadora:** Então esse é um grande desafio pra vocês?

[11:46] **Bia:** Muito.

[11:47] **Juliana:** A estrada hoje é a nossa maior prioridade, porque a partir dela pode vir outras.

[11:51] **Entrevistadora:** Agora, nós soubemos também que...

[11:52] **Marcos:** Mas tem uma conversa com o ITERJ no sentido de...

[11:57] **Juliana:** ITERJ, Secretaria de Agricultura, EMATER...

[12:01] **Carlos Elias:** Então, assim, eles começaram a fazer a Boa Esperança. Então o projeto é fazer a Boa Esperança, a Rangel e a 28 de Novembro. Aí fizeram a Boa Esperança, começaram a fazer, alargaram, passaram a máquina direitinho. Só que agora vão botar o material, vão pegar... Já pegaram, começou sábado, na Rangel. E a 28 de novembro eles falaram que agora, no momento, não tem condições porque a estrada tá toda alagada. Não tem condição de maquinário entrar ainda. É o que eles tão alegando. Falou que tem que esperar dar uma secada um pouco nas estruturas da estrada pra eles poderem começar a botar a máquina pra poder ver se dá tempo de terminar antes de vir a nova chuva de novo também, né?

[12:50] **Bia:** Só que essa estrada tem controvérsias. Porque assim, esse é o período que temos...

[12:58] **Entrevistadora:** Mais seco?

[12:59] **Bia:** Pra poder entrar. Ou seja, vai ter que entrar. Vai ter que fazer o processo de drenagem da rua e colocar material. Ou seja, é a estrada que vai ter maior trabalho.

Porém, é a mais necessária. Porque as outras são mais fáceis de serem feitas. Então, o certo seria começar pela mais difícil pra garantir que a Secretaria Estadual de Agricultura cedeu maquinário pra Prefeitura, junto com a EMATER, gestar esse equipamento. Então, deveria ser atendido ao que tem mais dificuldade pra garantir que todos sejam atendidos nesse período que a máquina vai ficar em Duque de Caxias, né? Mas aí começaram por um processo inverso... E vamos ver! A gente tá na luta para reafirmar que a 28 de novembro é necessária e fundamental.

[13:55] **Carlos Elias:** Porque as outras duas ruas são poucos produtores que estão, entendeu?

[14:01] **Bia:** E eu acho que independente de produção, uma coisa que eu acho que a gente tem que frisar bem: estrada é direito. Independente de produção, ir e vir é um direito do ser humano. É direito! Então, assim, a gente não tá pedindo favor. É um direito nosso ter uma estrada pra gente poder andar, ir no médico, ir na escola... Ir e vir. Independente de ter produção ou não, a Secretaria de Agricultura, a Prefeitura de Duque de Caxias não pode ficar usando desse argumento de ter produção ou não ter produção. Estrada é um direito! É um dever da Prefeitura garantir que a estrada seja feita porque o equipamento da Secretaria Estadual veio pra Prefeitura de Duque de Caxias pra que as estradas fossem feitas.

[14:47] **Entrevistadora:** Agora sim. Além da estrada, vocês também têm enfrentado por último, agora, também o problema com os areais. Vocês podiam relatar um pouco? Como é que é a relação de vocês? Porque aqui tem vários areais né? Como é que isso impacta a vida de vocês? Como é que... Que que isso implica no território? Essa quantidade imensa de areais...

[15:11] **Juliana:** O entorno é totalmente degradado. O impacto é muito grande. E não só pra gente. Porque, na verdade, foi uma aula pra mim a audiência pública que teve lá no Rio com a Mônica Francisco. Como aqui é que é uma zona de amortecimento pra não encher o Rio, não encher Nova Iguaçu, não encher Caxias, né? Porque é onde também ainda há um resquício de mata, como APA do Iguaçu. Fora isso o lençol freático que é completamente detonado. Então, já tem essa coisa do entorno. Aí agora, mais recentemente, e não é desse ano, é do anterior, com tanta dificuldade pra sobreviver no assentamento teve gente, teve companheiro que sucumbiu, entregaram seus lotes pra extração de areia. E é ilegal porque a terra é pública. Na APA do Iguaçu é ilegal extração de areia. Então, assim, aí teve um primeiro lote que foi entregue pra extração de areia e nesse primeiro lote... Na verdade o movimento, a gente ficou esperando que o ITERJ tomasse uma atitude. O movimento foi esse. Porque, né? É um enfrentamento muito grande pra gente. Aí a gente esperou que o ITERJ tomasse uma atitude e nada. O lote foi completamente... O que tinha de areia, ele foi detonado. Aonde tinha areia foi destruído.

[16:55] **Miriam:** Dentro de dez meses, né?

[16:59] **Bianca:** Sim. Isso mesmo.

[17:00] **Bia:** É muito rápido o processo.

[17:04] **Juliana:** Aí agora, recentemente, em fevereiro, né? Março!

[17:08] **Bianca:** Mas foram quatro, né? Teve o meu, o do Maurício, né? Que também...

[17:14] **Bia:** Mas assim, que iniciaram. Teve a possibilidade de.

[17:21] **Juliana:** Teve uma promessa de entrega do lote onde a Bianca tá; teve uma promessa de lote onde o Maurício tá, que foi desse processo de reocupação, de entregar pros areais. Mas aí, por isso, teve ocupação também, teve esse enfrentamento direto. Porque o cara falou: “Não, o lote é meu.” e a gente teve que dizer que a terra é pública. Não é a terra de quem tá nela morando e plantando né? A terra é de quem nela trabalha, que ele é um antigo aqui da Baixada Fluminense.

[17:49] **Carlos Elias:** No da Bianca chegaram a entrar até maquinário, né? Fizeram escritório...

[17:57] **Juliana:** Mas não iniciou a extração. Mas ali na companhia ali da Boa Esperança iniciou e terminou a extração. E aqui foi iniciada. Que aí foi o processo mais que a gente falou: “Não, aí não dá. Aqui na entrada do assentamento! Se o ITERJ não toma uma posição, tomamos nós.”. Foi quando a gente resolveu ocupar o lote pra denunciar essa invasão do nosso território.

[18:25] **Entrevistadora:** Mas vocês receberam ameaça né?

[18:28] **Juliana:** Sim.

[18:31] **Bia:** É histórico aqui no assentamento a gente tá mediado por esse processo da pressão da especulação imobiliária, né? Da especulação imobiliária em torno do assentamento. E a gente vem reafirmar com o Movimento dos trabalhadores Sem Terra que a terra é pra cumprir a sua função social de moradia, de produção e de respeito ao meio ambiente. Então, assim, nada mais é do que a gente reafirmar o direito da luta pela terra. Reafirmar o direito básico.

[20:16] **Entrevistadora:** Bom, então vocês já apontaram aí que essa luta pela terra é pra quem está nela trabalhando e vivendo nela. E aí vocês viveram esse enfrentamento e apareceram os homens ameaçando vocês. Eles se apresentaram como?

[21:15] **Juliana:** É. Na verdade eu tava no momento. Chegou dois caras num carro sinistro procurando o companheiro Cosme. E chegou até a porta do lote dele. Aí eu tava lá com eles, eu tava resolvendo com eles da comercialização, aí a gente ficou meio assim, né? Falou: “Vamo todo mundo! Vamos atender!”. Aí fui eu, Cosme, tava a companheira que tá lá no lote, a Mariana, com uma amiga e o bebê... E aí o Cosme falou: “Pois não.”, “Ah, você é o Cosme? Eu sou o sargento... - os dois se apresentaram como sargento- Hugo e Barroso.” Não lembro direito os nomes. Hugo eu tenho certeza. Aí a gente perguntou: “Do que se trata?” “Nós viemos fazer uma averiguação, porque teve uma denúncia.”. Aí a gente perguntou: “De onde vocês são?”, eles falaram: “Nós somos da 22ª.”.

[22:28] **Cosme:** Não. Da vinte.

[22:34] **Juliana:** “Somos da 20ª.”. Aí a gente: “O que vocês querem?”, “Ah não, porque tivemos uma averiguação que uma senhora, no caso a ex-beneficiária do lote, foi afrontada, expulsa da sua casa e homens armados tiveram lá para expulsá-la.”. Aí a gente virou e falou assim: “Não. Não foi isso que aconteceu. Na verdade...” Aí

começamos a questionar. Porque eles colocavam como se a pobre coitadinha foi posta para fora da sua terra. Aí a gente falou: “Não. A terra não é dela. A terra é pública e ela cometeu um ato ilegal.”. Aí ele falou assim - porque na verdade só um falou, né? Aquele negócio do policial bom e do policial mal. O outro ficou na escolta. - aí ele falou assim... - Ele viu que a gente tava com muita propriedade pra falar sobre a propriedade da terra, ou a não propriedade da terra - aí ele falou: “Então não vou entrar no mérito da propriedade. O caso é que teve indivíduos armados em nome do Cosme ameaçando ela.”. Aí a gente virou e falou assim: “Não. Olha só, se isso aconteceu, isso é uma questão dela. Porque quem nos ameaçou foi ela.”. Porque ela chegou no dia da ocupação e falou que “a gente podia fazer a cova da gente e que não era polícia não, era milícia.” Ela ficou falando coisas assim.

[23:58] **Cosme:** Ela falou que a gente... Ela e os filhos dela falaram que a gente tinha até de noite pra sair do lote. Que senão ia morrer todo mundo. Que a milícia ia vim e ia matar todo mundo. A dona Silvia, a mãe do Edson Neguinho - que é quem tava no empreendimento do Areal junto com o Rogério - a dona Silvia, que foi a primeira a fazer areal, que é a gestora da Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus pela Diocese aqui de Caxias, tá? Então essa é a dona Silvia que a gente tá falando. Ela que parou a gente e perguntou: “Vocês tão procurando meu filho?”, que até então...

[24:30] **Juliana:** Mas nisso os...

[24:31] **Cosme:** Não. Não. Só pra entender... Porque você embolou uma coisa com a outra. Não é igual. A dona Silvia: “Neguinho não tem nada a ver com isso não”, disse ela. “Isso é do genro do Ferrete e ele vai vim aí amanhã e vai sobrar pra todo mundo. Se federal bater na minha porta, vocês podem cavar uma cova e entrar todo mundo pra dentro.”, assim que ela falou. No dia seguinte veio esses dois sujeitos.

[24:53] **Juliana:** Mas ele veio pelo nome da beneficiária. Ele não falou do Areal. Ele falou assim... O tempo todo falando assim: “A pobre mulher com seus filhos foi afrontada a sair da sua casa.”. Aí a gente falou que “não. Que não era isso. Que não se tratava disso.”. Aí, enfim, o desenrolar da história todo eles deixavam assim: “Cuidado... As ruas aqui são muito escuras. Vocês andam sozinhos aí. Cuidado com a sua família.”.

[25:22] **Cosme:** Ele falou pra mim: “Tira o teu nome da reta.”. Eu perguntei: “Porque que vocês estão vindo até aqui me procurar?”, “Foi porque tão citando teu nome. Se você não tem nada a ver com isso e não quer pagar por isso, tira teu nome da reta. Se você quer ter sossego com a tua família aqui, tira teu nome da reta.”. Então, toda hora vinha essas frases assim: “Tira teu nome da reta. As ruas são escuras, aqui é perigoso, a polícia nem vem aqui... Então, toma cuidado. Tira teu nome da reta. Fala pros liderança aí pra tirar teu nome da reta.”. Então, era essas frases que ele tava usando.

[25:47] **Juliana:** Ele virou pra mim e falou assim: “Você quer entrar no carro agora e fazer essa denúncia agora na delegacia? Você quer ir?”, eu falei: “Claro que não. Vocês que vieram averiguar a denúncia. Eu não tô denunciando nada. Nós não estamos denunciando. Vocês que estão.”.

[25:58] **Miriam:** Toda hora tentando inverter a situação.

[26:01] **Cosme:** Mas eu disse a ele: “Se vocês vieram me procurar por causa que tão citando meu nome, então eu lhe dou quatro. Quero que você vá nesses quatro. O filho da

Solange; a própria Solange... Porque o filho da Solange e a Solange falou que “vai vir milícia e vai matar todo mundo”; a dona Silvia, que falou que “podia cavar uma cova e entrar pra dentro.” Então eu te dou nomes aqui também. Você quer mais? A Amanda, filha da Solange também. Tudo maior de idade esses que eu tô falando. Fora que a Solange incitou o Gustavinho, um menino de quinze anos: “Taca o facão, Gustavinho! Isso não é nada não. Você é de menor. Se fosse seu pai ele tinha picado no facão um monte aqui”. Então, esse foi o cenário ao longo daquele dia de incitação à violência e de dizer que vai vir milícia e vai matar todo mundo. Então foi esse o movimento que eles fizeram. E aí eu falei isso pros policiais (ditos policiais, né?). No final eles manobram o carro, abre a porta e pergunta: “Tem alguma dúvida ainda?”. Aí quando eles abrem a porta a gente vê que tava cheio de arma dentro do carro. E o carro não era oficial da polícia e eles não apresentaram nada demonstrando ser oficial da polícia. Foi tudo de boca. Eles disseram ser da 20. Eles não falaram sobre a 20ª. “Sou da 20.”, assim que eles usaram a palavra. “Somos da 20 de Nova Iguaçu.”. Não existe 20 em Nova Iguaçu. A 20 é em Mesquita.

[27:20] **Juliana:** A gente averiguou.

[27:21] **Cosme:** É. A gente foi averiguar e a 20 é em Mesquita. E é reconhecida na Baixada como batalhão de extermínio aqui da região. Que presta o serviço sujo, entendeu? Então esses policiais vieram aqui, acreditamos nós... Aí é nós fazendo análise...

[27:36] **Carlos Elias:** E os meninos começaram a soltar cabeção de nego, querendo intimidar. Pra demonstrar que era arma, no caso. Soltando cabeção de nego lá, aqui... Entendeu? Pra aterrorizar. Pra ver se a gente ficava aterrorizado.

[27:51] **Juliana:** Empurrou um companheiro nosso aqui. Um senhor de quase oitenta anos de idade.

[27:56] **Cosme:** E falou que a hora que pegasse um companheiro na rua sozinho ia dar um bocado de tapa na cara dele. Xingou, mandou a gente tudo praquele lugar...

[28:06] **Cosme:** Tacou pedra.

[28:08] **Carlos Elias:** Ficava de lá de trás do mato jogando pedra em cima da gente.

[28:14] **Cosme:** Tudo atiçado pela mãe. Criança de oito, nove anos atiçado pela mãe.

[28:18] **Carlos Elias:** E quando o ITERJ veio, ela não teve coragem de encarar o ITERJ. Ela correu pro mato, se escondeu no meio do mato e ó... linha na pipa! Foi embora.

[28:28] **Entrevistadora:** Ou seja, depois que houve a ação... Porque houve uma ação aqui depois, né? Vocês conseguiram fazer uma reunião no Rio com o ITERJ... Quem mais tava nessa reunião?

[28:38] **Juliana:** ITERJ, INCRA, Secretaria de Agricultura, EMATER, Secretaria de Meio Ambiente e mais os gabinetes, mais SEDAC, mais muitos amigos aliados nossos.

[28:51] **Entrevistadora:** Nisso vocês não podem reclamar. Vocês tiveram muitos amigos apoiando.

[28:55] **Juliana:** Com certeza.

[28:55] **Cosme:** Rede Ecológica também. Toda a sociedade entendeu a luta. Entendeu que a terra não é só nossa terra, né?

[29:02] **Entrevistadora:** Quer dizer, veio muita gente pra cá pra poder prestar solidariedade pra vocês?

[29:06] **Juliana:** Sim.

[29:06] **Entrevistadora:** E depois dessa reunião, o que que aconteceu?

[29:11] **Cosme:** Só pra ficar claro que nessa reunião a gente foi lá tocar no seguinte assunto... Como os policiais trataram na ideia de que “Vocês tem algum documento?” então a gente foi lá e pediu ao ITERJ pra que desse algum documento imediatamente para o atual dono, que é o Samuel. Então, o ITERJ de imediato deu o documento. Saímos de lá já com o documento na mão pro Samuel. Pra dizer assim: “se alguém daqui falar alguma coisa...” Porque ela tinha um documento. Só que o documento dizia que é crime ambiental. Então “crime ambiental”, ela perde. Então, o Samuel vai pra lá pra reunião. Quando ele volta da reunião, já volta com o documento, que é o mesmo documento que ela tem. E aí o ITERJ falou: “Se ela reclamar a juridicidade da coisa, ela vai à justiça”, né? Porque o que ela tinha era uma concessão de uso e o Samuel também tem a mesma coisa, né? E aí foi desfeita a concessão de uso pelo crime ambiental dela e então deu um documento pro Samuel, que é o mesmo documento que ela tem. Então, se algum policial aqui agora, de boa fé, se não for à serviço do crime. Se for um policial de boa fé e por, sei lá, alguma denúncia vir investigar a situação, vai chegar pro Samuel e pedir o documento. E ele vai dizer que tem um documento, que é um documento dado pelo ITERJ, autorizando ele a ficar e produzir. Então, saímos de lá com essa conquista. E em seguida tratando das pautas que dizem respeito ao desenvolvimento do assentamento: estrada, energia elétrica, casa...

[30:26] **Juliana:** Porque a gente avalia que essa insegurança também é por conta dessa falta de estrutura. Porque a juventude vai trabalhar aonde? Os filhos dos assentados trabalham nos areais.

[30:38] **Cosme:** É o nosso entendimento, sabe? Se tem esse descaso produzido por treze anos de assentamento por parte do Estado, sendo ele ITERJ, INCRA e Prefeitura Municipal de Caxias, levou ao vazio, aos lotes abandonados, a falta de perspectiva e horizonte na agricultura. Consequência disso fica uma porta de janela aberta pra destruir a gente de baixo pra cima. Então, tem várias formas de atacar os movimentos sociais do campo. Uma delas é desmoralizando a gente, desgastando a gente. A gente vai ficando velho, sem condições de viver no lugar... Nossos filhos não vão querer viver no lugar. E então os lotes abandonados eram uma porta de entrada pra propostas milionárias iguais é essa né? Porque, eu não sei se já foi dito aqui, mas em quatro, seis meses, mais ou menos, o dono da terra pega meio milhão de reais, entendeu? Então, é uma proposta muito sedutora ao crime. Então, a maioria da molecada da região trabalha nisso. Então, minha filha estuda num colégio onde os pais têm seus filhos que estudam lá, que os pais viviam disso. Então, o crime que tá sendo...

[31:46] **Entrevistadora:** Que compensa.

[31:47] **Cosme:** É. E na verdade eu comparo a uma boca de fumo na favela aonde os traficantes tão lá vendendo a droga, educando seus filhos e vivendo. E aqui é a mesma coisa: é um crime. A boca de fumo é um crime igual. Vendendo droga, é um crime igual. E aqui é a mesma coisa. É um crime igual e os trabalhadores trabalhando lá. Então, é esse o cenário. Então, a gente não tratou desse assunto. A gente tratou do assunto do desenvolvimento do assentamento, que é o que nos interessa. Desenvolve o assentamento e a gente consegue melhorar nosso potencial produtivo e aí inclusive dar perspectivas na atividade agrícola com os moradores da região. Se não é feito isso, a tendência é ficar essa porta de entrada disponível pra eles né?

[32:26] **Entrevistadora:** Agora, só uma coisa, um dos areais aqui tá ameaçando a escola. Chegaram a fazer um laudo de como é que tá a situação da Escola Sargento? Se ela tá ameaçada de desabamento?

[32:40] **Cosme:** Tem. Então, ali foi o seguinte: nessa reunião com o ITRJ, que a gente fez, a gente foi tratar dessa pauta que eu falei. E o ITERJ disse pra nós que estava na mão deles naquele momento da reunião: “Está na minha mão aqui o pedido da Prefeitura de Caxias solicitando uma intervenção do ITERJ pra fazer uma análise técnica se a escola corre risco ou não. E eu vou mandar uma equipe lá imediatamente.”. Não é nem incompetência do ITERJ, mas o ITERJ mandou. Porque eles têm funcionários da casa que são da construção civil, né? Da engenharia e tal. Então, eles vieram e mandaram a equipe técnica. E em seguida dessa equipe técnica teve o abate da Polícia Federal em cima do areal que tá no entorno da escola.

[33:19] **Entrevistadora:** Por conta da escola né?

[33:20] **Cosme:** É. Por causa de quê? Por causa da denúncia feita pela Prefeitura. E então essa batida que pegou o areal em volta da escola ela tá vinculada direto à denúncia feita pela Prefeitura junto ao ITERJ. E aí o ITERJ aproveitou os dois problemas, que também tem a ver com o areal e se utilizou disso pra agir.

[33:41] **Entrevistadora:** Depois dessa ação, alguém paralisou a extração de areia? Sim e não, né? Continua e não continua?

[33:55] **Carlos Elias:** É. Pra nós é complicado se meter nisso.

[33:58] **Entrevistadora:** É. É verdade.

[34:01] **Juliana:** No nosso território parou. É o que a gente tem a dizer.

[34:06] **Marcos:** Eu vim aqui no outro dia... Tava lá. Eu vi dois caminhões...

[34:09] **Cosme:** Aqui na nossa terra parou.

[34:11] **Entrevistadora:** No assentamento eles conseguiram paralisar, mas no entorno não.

[34:17] **Carlos Elias:** Porque é área particular, né?

[34:20] **Miriam:** Não faz parte do assentamento.

[34:23] **Entrevistadora:** Tudo é terra pública, mas não do assentamento. Entendi.

[34:26] **Miriam:** O Estado não faz esforço nenhum.

[34:31] **Marcos:** Isso aqui é parte ITERJ e parte INCRA? É isso?

[34:37] **Cosme:** Na verdade é assentamento conjunto. São poucos assentamentos no Estado, de reforma agrária do Estado, que são conjuntos: ITERJ e INCRA. Esse é um deles. Então a gente tem dois pais, ou duas mães. Eu prefiro trabalhar nessa ideia pra mostrar que nós vamos ter o mesmo nível de responsabilidade.

[34:58] **Rosinha:** São quantos lotes agora aqui?

[35:01] **Cosme:** Do lado de cá são quarenta e oito lotes assentados e do lado de lá da fazenda... Porque o assentamento Terra Prometida pega três fazendas. Então, ele tem uma parte que fica em Nova Iguaçu e outra parte que fica aqui em Duque de Caxias. Do lado de lá são onze assentados e do lado de cá são quarenta e oito. Cinquenta e nove no total.

[35:18] **Rosinha:** Os onze são considerados Nova Iguaçu?

[35:24] **Cosme:** No assentamento conjunto ITERJ e INCRA... Toda vez que for no ITERJ ou no INCRA e falar “assentamento”, o ITERJ e INCRA tá falando “Terra Prometida” e tá falando Nova Iguaçu/Caxias. Aí quando vem a pauta de vincularizar a Prefeitura, que a Prefeitura fala: “Aqui é Caxias. Lá é Nova Iguaçu e é com outro prefeito.”. Mas quando fala Governo Estadual e Federal é o assentamento.

[35:46] **Carlos Elias:** Então, e hoje nós recebemos a visita da Polícia Federal procurando a Dona Solange. Hoje a Polícia Federal veio aqui no assentamento...

[35:55] **Entrevistadora:** É porque os assentamentos foram proibidos pelo Ministério Público, né? Então, quem tá fazendo agora tá fazendo ilegalmente. Qualquer areal aqui foi proibido. Todos os areais.

[36:07] **Cosme:** A Polícia Federal veio aí atrás dela, atrás da antiga proprietária.

[36:11] **Carlos Elias:** É. Veio aqui, aí eu atendi eles. Primeira coisa que eles perguntaram foi: “Quem é o líder aqui do assentamento?”, eu falei: “Aqui não existe líder. Aqui todos nós somos líderes. Todos nós assentados, todos nós somos líderes.”. Aí ele perguntou: “Eu tô procurando a Dona Solange. Porque a Dona Solange fez uma denúncia de areal no lote dela...”, eu falei: “Não, é o contrário. Ela que fez o areal dentro da terra que pertence ao assentamento.”.

[36:42] **Cosme:** Eu acredito que isso aí é porque muitas vezes... Primeiro, assim, tem que ficar claro que não existe movimento da Polícia Federal para propriedade privada. Então, qualquer um de nós que sofrer qualquer ação, se for na Federal fazer uma queixa, a Federal vai mandar procurar a Polícia Militar, ou a Civil, dependendo de qual é o problema. Nunca houve, não há ação da Federal pra uma propriedade privada. Então, jamais...

[37:10] **Entrevistadora:** Até porque aqui a terra é pública.

[37:11] **Cosme:** A Federal não veio aqui porque ela foi lá. A Federal veio aqui porque o INCRA ou o ITERJ ou o Ministério Público acionou, entendeu? Só que o policial federal, na hora que eles vêm pro campo, eles não entendem direito qual é e aí eles vêm procurando. Pode ser por dar uma de bobo pra investigar ou pode ser por realmente desconhecer de como é que é o procedimento. Aí ele inverte a posição. Eu não quero crer que o policial tava de má fé, tá?

[37:41] **Carlos Elias:** Ele entrou ali dentro do terreno e tirou foto do areal todinho, das terras que foram degradadas. Tirou foto de tudo. Parou mais na frente, tirou da casa também, até onde eles tiveram, e foram embora.

[37:55] **Entrevistadora:** Ok. Bom. Vamos lá, Cosme. Qual é o seu nome completo?

[38:10] **Cosme:** Eu não tava com a ideia de participar disso não, mas já que eu tô aqui... Meu nome é Cosme. Eu sou aqui assentado, né? Sou esposo da Bia.

[38:19] **Entrevistadora:** Qual é o seu nome completo?

[38:20] **Cosme:** Cosme Igor e Miranda.

[38:22] **Entrevistadora:** O senhor nasceu quando?

[38:23] **Cosme:** Eu nasci em 1980. Tenho 38 anos.

[38:25] **Entrevistadora:** Aonde?

[38:26] **Cosme:** Nasci no Rio Anchieta, mas eu cresci a minha vida inteira aqui na Baixada Fluminense, em São João de Meriti, Nova Iguaçu. Depois disso eu contribui na luta pela terra. Mais de vinte anos que eu já tô engajado nesse negócio aí chamado Sem Terra, MST. Participei de luta por moradia também. E aí eu resolvi assentar a minha paz há treze anos aqui nesse assentamento.

[38:52] **Entrevistadora:** (risos) Você veio assentar a sua paz?

[38:54] **Cosme:** Só que quando você assenta, não tem paz não. Viver da agricultura em geral não tem paz não. Você tem o poder público te jogando para tu se ferrar mesmo. E você ainda tem os problemas dos outros interesses que tão querendo te destruir e te tirar dali. Então, eu pensava que ter o meu cantinho pra trabalhar, não precisava pedir emprego, criar minha família e ficar quietinho era a melhor coisa, mas não tem paz, entendeu? É essa a ideia. Aproveito pra dizer o seguinte, já que a minha ideia é a do registro também: faz mais ou menos uns quatro dias, por Facebook, um dos antigos proprietários do sítio aqui dentro... Quando eu falar proprietário entenda...

[39:33] **Entrevistadora:** Posseiro.

[39:33] **Cosme:** É. Que tinha o direito de uso dado pelo ITERJ.

[39:36] **Juliana:** Beneficiário da reforma agrária.

[39:37] **Cosme:** É. Beneficiário da reforma agrária. Que tinha o direito de usar a terra. Mas como ele não usou, negociou, vendeu pra um dito primo, que na verdade não é primo coisa nenhuma, era um cara que queria fazer areal, que tava com uma S90 lá dentro e montou um escritório. É onde mora a Bianca. E aí esse cidadão então... Eu conheço ele porque ele viveu aqui no nosso meio por um tempo, depois ele abandonou e foi embora. E aí mandou umas mensagens pro meu Facebook lá com uma sequência de ameaça. Dizendo que tem mais de trinta querendo me matar, que é muita gente. Que qualquer um que fizer alguma coisa não tem nem como pegar. Assim, ele é muito louco né? Então, eu falei pra ele: “Cara, tão te botando pilha pra você arrumar problema pra tua cabeça, sabe? Tira isso da tua cabeça. Vai pelo caminho da justiça.”, “Não, Cosme, fica tranquilo. Se eu fosse você, eu sumia daí. Eu ia embora daí. Porque é muita gente querendo te pegar. Querendo te matar por causa desses conflitos aí.”. Então, as pessoas não cumprem o contrato que o Estado deveria fiscalizar. Como o Estado não fiscaliza, a sociedade fiscaliza; os movimentos sociais do campo agem e aí a atuação dos movimentos sociais do campo produzem essa reação violenta. E no final a gente é o culpado. A gente é o culpado pelo cabra que não cumpriu o contrato com o Estado. Só pra vocês terem noção que as ameaças não pararam. Eu diria que a gente agora tá no nível da Guerra Fria.

[40:59] **Entrevistadora:** Eu queria pedir o seguinte...

[41:05] **Cosme:** Houve muita participação da sociedade, o que é muito bom. Mas eu acho que quanto mais intensificar essa inserção, essa participação... Porque o nosso projeto... A gente tá dizendo que a gente tá vivendo tempos que é necessário se lutar pela reforma agrária popular. Não é mais aquela bandeira da reforma agrária de um lugar assentado vai ser assentado e ele vai se desenvolver e vai dar resposta. Só vai haver essa reforma agrária se a população - por isso a reforma agrária popular - se a sociedade quiser. Então, você se inserir engajado, participando, procurando saber, entendendo e discutindo agroecologia, vendo nossas formas de produzir, vendo os inimigos que tão a nossa volta tentando nos destruir, acompanhando... Ou seja, isso aqui é um assentamento que é da sociedade. É mais do que nosso! E a sociedade tá de parabéns. Então, ela não pode parar. E o trabalho de vocês é fundamental nesse sentido de manter acesa a chama de que se vai haver reforma agrária, se tem alguma reforma agrária, só é possível com exceção da população. Então, reforma agrária popular. Não tem outra forma.

[42:07] **Entrevistadora:** Eu queria pedir a vocês que cada um pensasse em uma frase que vocês gostariam de deixar de mensagem nesse nosso Café com História pra quem for assistir esse depoimento de vocês. Que mensagem vocês gostariam de deixar? Pode ser uma palavra, pode ser uma frase, pode ser um sonho...

[42:29] **Cosme:** Eu vou falar primeiro, que já tá na cabeça. Eu penso muito rápido, eu tenho um problema sério. Então, é o seguinte: Em meio a tudo isso que tá acontecendo desde a eleição do Bolsonaro... Vocês não tem noção de como... Eu não imaginava que esse infeliz ganhasse. Acho que ninguém. Então, depois da eleição do Bolsonaro pra cá, eu comecei a ver e comecei a refletir muito que nós estamos vivendo tempos que é mais do que lutar por socialismo ou por comunismo ou por reforma agrária ou por qualquer outra coisa desse tipo. Nós estamos lutando pelo óbvio. Nós estamos lutando por... Todos aqueles que são humanos, estão lutando pela humanidade. Esse é o nível que nós chegamos. Não estamos nem mais discutindo projetos. Se é anti-capitalista, se é comunista, enfim... ser humano! Somos humanos? Se nós somos humanos nos sensibilizamos com um cidadão que tem uma arma, cheio de dinheiro, que mata alguém;

nos sensibilizamos com o areal que invade a terra dos Sem Terra; nos sensibilizamos com uma degradação ambiental... Porque somos humanos. É a humanidade que tá em jogo. Então, seja humano e lute! Essa é a frase que eu acho... Esse é o pensamento que eu queria que todo mundo levasse: seja humano e lute pela humanidade!

[43:48] **Juliana:** Eu diria que reforma agrária é vida. Então, por isso, é responsabilidade de todos. É isso, né? Tantos espaços desabitadas, territórios vazios... Eu gosto de citar o Chico porque “cana, caqui, inhame, abóbora / onde só vento se semeava outrora” e por isso quando a gente chega causa esses rebuliços todos. Porque a gente traz vida. Traz cachorro, traz criança, traz plantação... Então, a gente... E isso tudo não existe sem a cidade, né?

[44:26] **Entrevistadora:** Ok. Você?

[44:31] **Miriam:** É... Eu coloquei até no meu status do WhatsApp... Foi um grito. Que eu pensei nesse grito como “Baixada grita: nossa terra não pode virar areia!”. Então, eu grito a Baixada: nossas terras não podem virar areia!

[45:10] **Entrevistadora:** O senhor quer deixar uma frase, uma mensagem?

[45:13] **José:** Eu sou muito tímido, mas eu vou fazer o que né? Porque, assim, plantar e colher é muito bom! Plantar e colher é muito bom! E eu tô, assim, pensando nisso: plantar e colher. Meu pensamento, a palavra que eu tenho é só essa mesmo.

[45:37] **Entrevistadora:** Vamos repetir, então?

[45:39] **Todos:** Plantar e colher é muito bom!

[45:50] **Entrevistadora:** Qual é a sua frase?

[45:52] **Carlos Elias:** Dormir e acordar com o canto dos pássaros.

[45:55] **Entrevistadora:** Muito bem! E o senhor? Qual é a sua frase ou sua mensagem?

[46:06] **Cosme:** Ele tem um monte!

[46:22] **Erlei:** Tem muita terra por aí. Nós temos que plantar, né?

[46:27] **Entrevistadora:** Muito bem!

[46:28] **Erlei:** Muita terra abandonada! Tanta gente sem terra e tanta terra sem gente.

[46:34] **Entrevistadora:** Muito bem! Só pra fazer um registro.

[46:38] **José:** Plantar e colher pra ter o que comer.

[46:42] **Entrevistadora:** A gente tá aqui fazendo uma entrevista com essa galera boa aqui da Terra Prometida. E nesse dia aqui do Café com História a gente tem o Filipo... Oi, Filipo!

[46:54] **Filipo:** Olá!

[46:55] **Entrevistadora:** O Filipo tá filmando. Lá atrás... Quem é que tá aí?

[46:58] **Marcos:** Marcos, do SEDAC.

[47:03] **Risonete:** Risonete, do Museu Vivo do São Bento.

[47:07] **Rosenilda:** Rosenilda, do Museu Vivo do São Bento.

[47:10] **Rosinha:** Rosinha, do SEDAC.

[47:12] **Belinha:** Belinha, também do SEDAC.

[47:14] **Entrevistadora:** E aqui Marlúcia, também do Museu Vivo do São Bento. Nós queríamos agradecer a vocês por esse depoimento e gostaríamos de perguntar a vocês. Quando a gente for fazer a edição, a gente vai mostrar pra vocês antes pra ver se tá tudo ok, mas nós vamos disponibilizar gratuitamente. Tem algum problema? Todo mundo concorda?

[47:36] **Cosme:** Problema nenhum.

[47:37] **Entrevistadora:** Ninguém vai vender. A gente vai produzir e vocês vão ficar com cópias. E depois nós vamos colocar nos nossos sites aí pras pessoas conhecerem a história de vocês.

[47:46] **Cosme:** Eu queria que vocês tentassem tirar o máximo possível qualquer coisa que nós fale de areal. Se for possível.

[47:52] **Entrevistadora:** Tá bom. Eu também acho que você tem razão. Talvez a gente possa só falar do geral, mas sem falar dos nomes.

[48:04] **Cosme:** Se for o caso, se vocês quiserem dar esse tom, eu peço que ponha alguém de fora que fale isso.

[48:10] **Rosinha:** Eu queria perguntar só uma coisa. A ideia da gente era ter isso aí... Quando a gente fez a conversa do Museu Vivo do São Bento, do SEDAC, de tá pensando um pouquinho isso, era naquela ideia: a gente tá preparando a pré-romaria da terra - vai ser aqui. A ideia da romaria ela é uma ideia que surgiu justamente por conta da questão do areal porque os pontos de local de romaria eles acontecem sempre em algum lugar que tem algum problema com a terra. E aí o ponto que a gente... A ideia é que a pré-romaria da terra ela seja aqui. E quando a gente pensou nesse filme que conta um pouco, a partir das próprias falas de vocês, um pouco aqui, a ideia da gente é tá divulgando isso pra tá mobilizando - pra tá também, não só pra isso - mas pra tá mobilizando e incentivando as pessoas pra tarem vindo pra caminhada da terra, pra pré-caminhada da terra. Quando a gente fez o desenho da pré-caminhada, a ideia do desenho, que foi levantada naqueles grupos aqui que a gente teve, ela é justamente de apresentar qual é a grande questão de denúncia que a gente tem hoje para a caminhada da terra, que é a situação do areal. E aí a ideia da gente é fazer o desenho bem grande colorido - é uma grande caminhada. E aqui o areal como uma situação que ameaça o Terra Prometida. Por isso ele tá sem cor, porque ele é uma ameaça. E no resto, bem colorido, tem o restante da situação.

[50:07] **Entrevistadora:** Mas eu acho que nós podemos fazer o que ele falou. Primeiro tirar os nomes, deixar só a parte geral. Quando tiver que dar alguma informação, a gente mesmo pode acrescentar. Que aí protege quem tá aqui.